



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

RAÍSSA FLÁVIA DUTRA LINHARES

**A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA FORMAÇÃO DO
LEITOR**

**CATOLÉ DO ROCHA-PB
2022**

RAÍSSA FLÁVIA DUTRA LINHARES

**A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA FORMAÇÃO DO
LEITOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba- Campus IV, como um dos requisitos para obtenção do grau em Licenciatura.

Orientadora: Prof.^a. MA. MARIA
KAROLINY LIMA DE OLIVEIRA

CATOLÉ DO ROCHA-PB
2022

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L755i Linhares, Raissa Flavia Dutra.
A importância das histórias em quadrinhos na formação do leitor [manuscrito] / Raissa Flavia Dutra Linhares. - 2022.
36 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2022.

"Orientação : Profa. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."

1. História em quadrinhos. 2. Recurso pedagógico. 3.

Leitor. I. Título

21. ed. CDD 372.4

RAÍSSA FLÁVIA DUTRA LINHARES

**A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA FORMAÇÃO DO
LEITOR**

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Maria Karoliny Lima de Oliveira

Prof.^a. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira
Orientadora - UEPB/CAMPUS IV

Bianca Sonale Fonseca da Silva

Profa. Ma. Bianca Sonale Fonseca da Silva

Examinadora- UEPB/CAMPUS IV

Samara Sales da Silva

Profa. Ma. Samara Sales da Silva

Examinadora – EMEFM. MT

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, que foi e é a minha fonte de força, inspiração e sustento, principalmente nos dias de desânimos e dificuldades;

Aos meus pais e irmãos, minha família, o meu porto seguro e por não medirem esforços para me incentivarem a estudar, conseguir realizar os meus sonhos e alcançar os meus objetivos;

Aos meus avós, por mesmo sem formação, serem fonte de inspiração e de conhecimento, e aqui cito com carinho e saudade **José Santino de Oliveira** (*in memoriam*), o meu avô que tanto me ensinou sobre a vida, me incentivou a nunca desistir dos meus sonhos, e a ver o lado bom da vida;

Ao meu noivo, **Felipe**, que me ajudou tanto durante todo o curso e na escrita deste trabalho, o qual eu sou e serei eternamente grata pelo companheirismo e cuidado para comigo, e por sempre me fazer acreditar que sou capaz de conseguir realizar tudo o que almejo;

À **Izabel Maria** (Bebel), por ser sinônimo de família, e ter cuidado tão bem de mim desde os meus primeiros dias de vida, e durante o processo de escrita deste trabalho;

À **Maria das Graças da Silva** - “Inha” (*in memoriam*), a minha vizinha que, em vida, cuidou tão bem de mim e vibrou e alegrou-se a cada conquista minha, e que mesmo sem formação me ensinou tanto sobre a vida e me incentivou a estudar;

À minha querida orientadora Prof.^a Ma. **Maria Karoliny Lima de Oliveira**, pela atenção e disponibilidade a mim manifestados sempre que solicitada, pela paciência, amizade e por todos os conhecimentos transmitidos;

À minha professora de Português do Ensino Fundamental II, **Sandra Soares**, por ter sido fonte de incentivo e porta para o início da minha vida acadêmica na área da docência;

À **Eliane Barbosa**, minha supervisora do PIBID (2018/2020), que contribuiu para a minha formação acadêmica durante e depois do projeto, com a transmissão de conhecimentos, apoio e incentivo.

A todos os meus amigos, os quais participaram direta ou indiretamente dessa jornada, me incentivaram e vibraram a cada conquista minha;

Aos meus queridos colegas de curso, os quais posso chamá-los de amigos e que transformaram esta jornada mais leve;

À **Bianca Sonale** e **Samara Sales**, integrantes da minha banca examinadora de TCC, pelo apoio, incentivo, disponibilidade e considerações feitas neste trabalho;

Aos professores da UEPB que contribuíram para a minha formação acadêmica;

Por fim, e não menos importante, o meu agradecimento pela cumplicidade, conhecimentos, força, amizade e por serem porto seguro nos dias difíceis e nas lutas diárias da faculdade, àquelas que me acompanharam tão de perto e vibraram juntas comigo em todas as conquistas: **Roberlangela Dantas, Eduarda Carmélia, Taiza Vieira, Jordânia Dantas, Márcia Patrícia e Mayara Fernandes**. Vocês fazem parte desta conquista.

RESUMO

A história em quadrinhos (HQ) é um gênero de linguagem verbal e não-verbal, também conhecida como linguagem mista. Por longos anos a HQ foi discriminada e afastada do meio infantil e infanto-juvenil, bem como da sala de aula, pois era vista pela aristocracia como um meio de distanciar as crianças e os jovens da leitura, contribuindo para o déficit da aprendizagem dos alunos. Após muitos acontecimentos e renegação, as HQ's começaram a adentrar nas escolas sendo utilizadas em livros didáticos, estimulando à leitura no meio estudantil. Assim, por acreditar-se que as histórias em quadrinhos são importantes, o presente trabalho tem como finalidade analisar as histórias em quadrinhos como um recurso pedagógico atrativo para auxiliar na formação do leitor e no desenvolvimento da escrita, criatividade e criticidade. Desse modo, nos questionamos como as histórias em quadrinhos podem contribuir positivamente para o ensino/aprendizagem do leitor? Pretende-se responder a essa pergunta através de uma investigação subsidiada por pesquisa bibliográfica tendo como fundamentação teórica baseada em Bakhtin (2003), Vergueiro (2020), Ramos (2021), entre outros. Dessa maneira, evidenciou-se que a história em quadrinhos pode ser um forte instrumento pedagógico para o crescimento e aprimoramento cognitivo do leitor.

Palavras-chave: História em quadrinhos. Recurso pedagógico. Leitor.

ABSTRACT

Comic book (COMIC) is a genre of verbal and non-verbal language, also known as mix language. For many years the COMIC was discriminated and removed from the child and child-juvenile environment, as well as from the classroom, as it was seen by the aristocracy as a means of distancing children and young people from reading, contributing to the students' learning deficit. After many events and denial, the COMICS began to enter schools being used in textbooks, stimulating reading in the student environment. Thus, because it is believed that comics are important, the present work aims to analyze comics as an attractive pedagogical resource to assist in the formation of the reader and in the development of writing, creativity and criticality. Thus, we question how comics can contribute positively to the teaching/learning of the reader? It is intended to answer this question through an investigation subsidized by bibliographic research based on Bakhtin (2003), Vergueiro (2020), Ramos (2021), among others. Thus, it was evidenced that the comic book can be a strong pedagogical instrument for the growth and cognitive improvement of the reader.

Keywords: Comic book. Pedagogical resource. Reader.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. FORMAS DE LINGUAGEM E GÊNEROS TEXTUAIS: INFLUÊNCIAS NO ENSINO E APENDIZAGEM.....	12
1.1 Os gêneros discursivos e o ensino.....	12
1.2 A linguagem verbal e não verbal.....	14
2. A LEITURA E O FAZER PEDAGÓGICO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS NA FORMAÇÃO DO LEITOR.....	15
2.1 O letramento literário.....	16
2.2 A leitura na formação crítica do sujeito na contemporaneidade.....	18
3. AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ's): uma busca pela criatividade e criticidade do sujeito enquanto leitor ativo	20
3.1 As histórias em quadrinhos em ação: quais as possibilidades?.....	21
3.2 Propostas: como fazer?.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Toda atividade humana está ligada à linguagem e dentro do campo da linguagem existe uma diversidade de gêneros discursivos que podem ser utilizados no ensino para contribuir na aprendizagem dos educandos. Assim, de acordo com Bakhtin (2003),

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Desse modo, a história em quadrinhos (HQ) é um gênero discursivo de narrativa visual, ou seja, apresenta uma linguagem verbal e não-verbal, conhecida também como linguagem mista que, por conter textos curtos e imagens, chama a atenção e torna a leitura empolgante. Porém, por longos anos foi afastada dos jovens, pois era vista como um meio de distanciar as crianças e jovens da leitura e que contribuía para o déficit da aprendizagem dos alunos.

Dessa forma, de acordo com Vergueiro (2017), as histórias em quadrinhos surgiram a cerca de 120 anos ao redor do mundo e sua origem está na civilização europeia; no Brasil, sua origem teve início no século XIX através do primeiro desenho humorístico publicado no país de forma anônima, pois, segundo Cavalvanti (2005, p. 21), “a primeira manifestação de humor gráfico impressa no Brasil é de autor desconhecido, uma vez que a situação política não permitia assumir publicamente a autoria de um desenho crítico em relação às autoridades e ao sistema dominante”.

Destarte, anos depois, após muitos acontecimentos e renegação, as HQ's começaram a adentrar nas escolas sendo utilizadas em livros didáticos e também sendo distribuídas em gibis através do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), que tem como objetivo principal incentivar à leitura dos alunos, formando neles o letramento literário, haja vista que a leitura de livros literários, assim como as histórias em quadrinhos, é de fundamental importância para estimular a imaginação, criatividade e criticidade na formação do leitor contemporâneo.

A presente pesquisa justifica-se por acreditar que as histórias em quadrinhos (HQs) são importantes na formação do leitor, e também pelo interesse de apresentar as HQs como ferramenta metodológica que rompe as barreiras do ensino totalmente tradicional e torna-o mais prazeroso e produtivo. Ademais, esta pesquisa servirá para inspirar a produção de futuros trabalhos acadêmicos na área.

O objetivo geral do presente trabalho é analisar as histórias em quadrinhos como fonte de contribuição para a formação do leitor e no desenvolvimento da escrita, criatividade e criticidade através do livro *Luiz Gonzaga em quadrinhos*, de 2018. Os objetivos específicos são: expor as histórias em quadrinhos como fonte de informação e incentivo à leitura; investigar os benefícios e os malefícios das histórias em quadrinhos no ensino; apresentar as HQ's como estratégia lúdica e diversificada para o desenvolvimento cognitivo dos alunos para superar a mecanização e tradicionalismo no ensino.

Luiz Gonzaga em quadrinhos foi publicado em 1 de janeiro de 2016 com o roteiro de Sílvio Osias e com ilustrações de Megaron Xavier. O livro retrata a biografia do cantor e compositor nordestino Luiz Gonzaga do Nascimento, que trazia consigo desde criança, um apreço pela música. O desejo em analisar histórias em quadrinhos surgiu no decorrer da graduação, durante a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID); já a escolha do livro se deu devido a narrativa da história de uma figura muito importante para a música popular brasileira e para a cultura nordestina ser escrita de forma leve, empolgante e lúdica. O que motiva a realização dessa pesquisa é a afinidade com o gênero HQ e também o interesse em analisar as contribuições que a história em quadrinhos pode trazer para o ensino e aprendizagem.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, embasada em teóricos como: Bakhtin (2003) e Maingueneau (2004) que expõem a teoria dos gêneros discursivos e a importância deles no ensino; Marcuschi (2008), que aborda a definição e a funcionalidade dos gêneros textuais; Santos (2015) e Orlandi (2008), que apresentam contribuições a respeito da linguagem verbal e não-verbal; Vergueiro (2021), Ramos (2021), Mendonça (2002) e Cirne (2000) que trazem as definições e novas possibilidades de ensino-aprendizagem através das histórias em quadrinhos. Também colaboraram na produção desse trabalho as contribuições dos autores Cosson (2011), Zappone (2008), Lajolo (2000) e Antunes (2009).

Este trabalho divide-se em três seções que estão organizadas da seguinte maneira: primeiro será feita uma abordagem sobre as formas de linguagem e os gêneros textuais, contextualizando e expondo as influências que esses meios têm no ensino e aprendizagem. Em seguida será exposto sobre a relevância do letramento literário para a formação do leitor crítico na sociedade contemporânea. Por fim, desenvolve-se o ponto central deste artigo: as histórias em quadrinhos, expondo as possibilidades e propostas para serem utilizadas em sala de aula nas turmas do Ensino Fundamental II por meio da obra já citada.

1 FORMAS DE LINGUAGEM E GÊNEROS TEXTUAIS: influências no ensino e aprendizagem

Nesta seção será realizada uma abordagem sobre os gêneros discursivos e formas de linguagem, bem como as influências desses gêneros e linguagens no desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Objetivou-se, nesta seção, apresentar a teoria dos gêneros discursivos e a importância deles, abordar a definição e a funcionalidade dos gêneros textuais, e a relevância da linguagem verbal e não-verbal no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, dividiu-se esta seção em: *os gêneros discursivos e o ensino*, e *a linguagem verbal e não verbal*, os quais serão abordados a seguir.

1.1 Os gêneros discursivos e o ensino

O ato de interagir, de comunicar-se, acontece por meio da fala, dos gestos ou da escrita, com outra pessoa ou com o texto, e para que isso aconteça faz-se necessário a utilização dos gêneros discursivos. De acordo com Marcuschi (2008), os gêneros possuem uma função comunicativa, ou seja, é impossível, como já exposto, haver interação entre os falantes se não por meio dos gêneros. Segundo Bakhtin (2003), os gêneros discursivos são tipos de enunciados mutáveis e flexíveis, podendo adequarem-se ao tempo histórico e aos indivíduos.

Desse modo, os gêneros do discurso são fenômenos históricos fundamentais para a produção e compreensão de textos em diversas esferas de circulação e em manifestações verbais. Desse modo, toda e qualquer atividade humana está ligada à linguagem e dentro do campo da linguagem existe uma diversidade de gêneros discursivos. Assim, de acordo com Bakhtin (2003),

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Pode-se dizer, assim, que os gêneros do discurso, sejam eles orais ou escritos, são heterogêneos e inexauríveis dentro da sociedade, pois “os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas.” (MARCUSCHI, 2010, p. 34), que são utilizados em diferentes esferas discursivas, de acordo com as necessidades específicas, e possuem uma diversidade impossível de listar. Conforme é mencionado nos PCNs,

A noção de gênero refere-se, assim, a famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado. (BRASIL, 1998, p. 22)

Em conformidade com Maingueneau (2004), não se é possível encontrar os mesmos gêneros discursivos em qualquer tipo de sociedade e não há a possibilidade de utilizar as mesmas maneiras de participar dos “mesmos” gêneros de discurso, pois os gêneros se adaptam a um determinado corpo social. Ainda baseando-se nas palavras de Maingueneau (2004, p. 44), “cada enunciado possui um certo estatuto genérico”, ou seja, cada gênero é interpretado de uma forma, e é através da exposição desses tipos de gêneros que se consegue adotar um comportamento adequado a eles. Por exemplo, um ator precisa entender o seu contexto através do roteiro da peça teatral ou novela, e buscar referências a respeito do seu papel para alcançar os objetivos propostos a ele.

Dessa forma, a mesma situação ocorre no ambiente da sala de aula, quando o professor expõe um gênero discursivo aos alunos, espera-se que o educando, com o seu conhecimento de mundo, entenda qual o tipo de gênero, interprete-o e consiga adotar uma atitude que convenha, mas para isso é necessário que o educador apresente os gêneros textuais e as suas características. Como cita os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, “Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva.” (BRASIL, 1998, p. 23).

À proporção que os alunos passam a conhecer e a utilizarem os vários gêneros discursivos, segundo Pinto (2010), eles aprendem a ter um controle da linguagem, da escrita, do conteúdo e do contexto do que está sendo trabalhado sem tornarem-se reféns do texto, e possibilitando aos discentes a conscientização do funcionamento da linguagem, para que o conhecimento absorvido possa ser transmitido de forma oral ou escrita, sendo coerente e coeso. Ainda, na perspectiva de Maingueneau (2004, p. 63), devido ao conhecimento dos gêneros discursivos não é preciso prestar atenção constantemente aos “detalhes de todos os enunciados que ocorrem à nossa volta”, pois nos tornamos capazes de identificar, através de poucos elementos, qual o enunciado que está sendo transmitido. Ademais, os gêneros tem um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem, como é mencionado nos PCNs,

Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos

pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. (BRASIL, 1998, p. 23-24)

Portanto, é importante que os gêneros discursivos/textuais, escritos ou orais, sejam trabalhados em sala de aula, haja vista que eles são de extrema relevância para a escuta, leitura, produção e compreensão de textos, ou seja, para o melhor desenvolvimento cognitivo dos alunos, proporcionando a eles a oportunidade de aprimorarem o conhecimento e progredirem como cidadãos conscientes e participativos na sociedade.

Nessa perspectiva, será abordado, no subtópico seguinte, a respeito da linguagem verbal e não-verbal, e sobre a relevância desses tipos de linguagens no ensino.

1.2 A linguagem verbal e não verbal

Toda e qualquer forma de interação ocorre através da linguagem, é por meio dela que se realizam as relações pedagógicas e humanas. Posto isso, as formas de linguagens são diversas, dentre elas têm-se a linguagem verbal e a não verbal.

A linguagem verbal tem por unidade a palavra (oral ou escrita) para a produção de sentidos, ou seja, é o “elemento nuclear do processo de aprendizagem” (CITELLI, 2004, p. 13). É por meio dessa linguagem que o aluno obtém contato direto com a palavra e adentra ao mundo da leitura, interpretação, produção de textos e melhor desenvolvimento da oralidade.

Santos (2015, p. 33), aborda que “A comunicação verbal é toda a comunicação que utiliza palavras ou signos. É através da comunicação verbal que se realiza por palavras, palavras estas, faladas ou escritas, que o homem compreende e domina o mundo que o rodeia e entende, assim os outros”. Esse tipo de linguagem é um importante instrumento interativo e utiliza, para a comunicação, palavras faladas ou escritas que precisam ser adaptadas ao receptor para a mensagem ser compreendida.

A linguagem não verbal, utiliza os meios visuais, como os gestos, os movimentos, a imagem, as cores, para gerar significados na comunicação. “A comunicação não-verbal é, portanto, o ato comunicacional que se efetua entre pessoas por outros meios que não a palavra” (Santos, 2013, p.31). Assim, é importante que as linguagens verbal e não verbal estejam em concordância para que possa acontecer uma comunicação coerente.

Diante disso, a linguagem é necessária na sala de aula, pois por intermédio dela consegue-se desenvolver outros tipos de leitura de mundo, mas, de acordo com Orlandi (2008), a escola exclui, do seu espaço de leitura, o fato de que o aluno tem contato com diferentes formas de linguagem em sua relação com mundo. Ou seja, a escola enfatiza a

escrita e, na maioria das vezes, evita as demais formas de linguagem por alto valorizar a linguagem formal e se esquece de explorar as demais linguagens no ensino da leitura que podem contribuir para trabalhar a capacidade de compreensão do discente. Segundo Rojo (2004),

(...) compreender e produzir textos não se restringe ao trato do verbal (oral e escrito), mas a capacidade de colocar-se em relação às diversas modalidades de linguagem oral, escrita, imagem, imagem em movimento, gráficos, infográficos para elas tirar sentido (ROJO, 2004, p. 31).

Explorar novos ambientes da aprendizagem através da linguagem, permite que o aluno desenvolva o conhecimento, a criticidade, a criatividade, a comunicação, etc., haja vista que os tempos são outros e os meios para o conhecimento estão evoluindo constantemente. Portanto, a aprendizagem não pode ser reduzida somente à linguagem verbal, pois é necessário o uso das demais linguagens para que haja a comunicação/compreensão. A união entre o texto e a imagem prende a atenção do leitor e causa a transmissão da mensagem de forma mais avançada, por este motivo é que há a necessidade da utilização da linguagem verbal e não verbal na sala de aula.

Em seguida, dar-se-á início à segunda seção deste trabalho, no qual será abordado a respeito da leitura e a formação do leitor.

2 A LEITURA E O FAZER PEDAGÓGICO: DIÁLOGOS POSSÍVEIS NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Após a reflexão da relevância dos gêneros discursivos e as linguagens verbal e não verbal no ensino aprendizagem, será feita, nesta seção, uma abordagem sobre o letramento literário e a importância da leitura na formação do leitor na sociedade contemporânea.

Assim, é importante ressaltar que existem diversos tipos de letramentos, os quais envolvem aspectos pessoais, sociais, econômicos, históricos, culturais e tecnológicos. Dentre estes, têm-se os letramentos linguístico, literário, científico, matemático, acadêmico, digital, os multiletramentos, etc. Exposto isso, o enfoque principal nesta seção será sobre o letramento literário, tendo em vista que as HQ's possuem os elementos da narrativa, e para que elas sejam compreendidas, é necessário que o leitor seja letrado literariamente.

Deste modo, esta seção subdividiu-se em: *o letramento literário e a leitura na formação crítica do sujeito na contemporaneidade*, os quais serão discorridos a seguir.

2.1 O letramento literário

O letramento é um conceito que está sendo bastante discutido nos ambientes acadêmico e escolar, tornando-se essencial em pesquisas acadêmicas e contribuindo para elaboração de novas metodologias de ensino. Assim, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), explicita no documento, na parte introdutória de Língua Portuguesa, a respeito do letramento,

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL, 2018, p. 67-68)

A BNCC trata da necessidade de o aluno ter contato com as mais diversas formas de gêneros/linguagens para que ampliem o conhecimento, e conseqüentemente, o letramento. Haja vista que ser alfabetizado não é o mesmo que ser letrado, pois o letramento vai além de conseguir ler as palavras. Assim, alfabetização é completamente diferente de letramento, um não pode ser confundido com o outro, como bem ressalta Soares (2003),

Embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia –a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita –a isso se chama letramento. (SOARES, 2003, p. 90)

Nesta perspectiva, é importante explicitar que o conceito de letramento abrange duas habilidades diferentes, mas para que sejam executadas com êxito precisam uma da outra, pois são complementares. De acordo com Soares (2004), “há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural” (SOARES, 2004, p. 48-49), ou seja, uma pessoa pode saber escrever o nome, mas pode não conseguir escrever um simples aviso, ou ler e compreender uma notícia, pois como já relatado, a alfabetização é completamente diferente do letramento.

As práticas de letramento modificam-se em diferentes contextos sociais, ou seja, há uma diversidade de letramentos, dentre eles, o letramento literário. Segundo Zaponne (2007),

O conceito de letramento, aplicado ao estudo da literatura mostra-se bastante fértil, pois permite uma compreensão do literário situada para fora dos domínios estritamente ligados ao texto e abre perspectivas para o estudo de variados aspectos

relacionados ao modo como se constroem os padrões sociais de letramento literário que levam à efetuação de diferentes práticas em diferentes contextos. Conhecer as práticas de letramento literário presentes na escola bem como as práticas de letramento literários presentes em diferentes âmbitos sociais pode contribuir para que se possa pensar nas relações entre essas duas esferas, escola e vida social, fazendo-as convergir para formação de indivíduos com graus de letramento e letramento literário cada vez maiores (ZAPONNE, 2007, p. 9).

O letramento literário é diferente dos demais tipos de letramentos, tendo em vista que compete à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006b, p. 17). A leitura literária é essencial, e tendo em vista a fundamental importância que ela tem para formar um bom leitor, os PCNs explicam que:

O texto literário constitui uma forma peculiar de representação e estilo em que predominam a força criativa da imaginação e a intenção estética. Não é mera fantasia que nada tem a ver com o que se entende por realidade, nem é puro exercício lúdico sobre as formas e sentidos da linguagem e da língua. (BRASIL, 1998, p. 26)

O letramento literário não é apenas um conhecimento adquirido sobre a literatura ou textos literários, é dar sentido ao mundo através do que foi lido com criatividade e imaginação. É saber ler e compreender o texto, e ser capaz de transmitir com clareza o que foi lido e interpretado.

De acordo com Cosson (2009, p. 23) “o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola.”, assim, para que esse letramento seja concretizado, é necessário a participação da escola, pois a habilidade/prática da leitura literária não acontecerá sozinha sem alguma mediação. Dessa forma, é preciso que o ensino de literatura, nas salas de aula, seja repensado, pois uma leitura literária voltada apenas para estudos da gramática, compreensões históricas e estéticas, não formará um bom leitor.

Além disso, Paulino (1998, p. 56) destaca que “a formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres.”, ou seja, outro fator que não contribui para o desenvolvimento do letramento literário é questão de a escola não organizar propostas que ajudem aos alunos a obterem autonomia para escolher as suas leituras e como lê-las.

Assim, para que seja formado o letramento literário do aluno é preciso “o contato direto e constante com o texto literário”, designando à escola e ao professor “disponibilizar espaços, tempos e oportunidades para que esse contato se efetive.” (PAULINO; COSSON,

2009, p.74). É de extrema importância que a escola por meio de estratégias metodológicas bem elaboradas e que estejam em conformidade com o currículo e as diretrizes escolares, possibilite aos alunos meios que permitam com que seja formado o letramento nos leitores.

Ademais, Cosson (2014, p. 30.) destaca que é “justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo.”, ou seja, ler não somente para decodificar signos, mas obter uma interpretação do que foi lido, e ser capaz de transmitir com clareza o que foi compreendido durante a leitura, proporcionando um aprimoramento no processo de educação e formação do leitor literário.

De acordo com Lajolo (2000, p. 106), “o cidadão, para exercer plenamente a cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos”. A leitura é a base de toda a formação escolar e acadêmica, sem ela, não há letramento, compreensão, criticidade, não é possível posicionar-se na sociedade.

Desse modo, será discorrido em seguida, sobre a formação crítica do sujeito na sociedade contemporânea através da leitura.

2.2 A leitura na formação crítica do sujeito na contemporaneidade

Em uma sociedade que está em constante evolução, ler é de fundamental importância, pois a leitura pode contribuir, significativamente, na formação do leitor, instigando o indivíduo a analisar a sociedade, além de ampliar e diversificar as interpretações de mundo.

De acordo com Freire (1989), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” (FREIRE, 1989, p. 9). Ou seja, o ato de ler vai além da decodificação de signos linguísticos, ou atribuição de sentido às palavras isoladas. Segundo Lajolo & Zilberman (1982),

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido do texto. Na realidade, a leitura consiste em ser capaz de atribuir significado a um texto, conseguir relacioná-lo a leituras anteriores, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono de sua própria vontade, entregar-se a esta leitura; ou, de rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO & ZILBERMAN, 1982, p. 56)

De acordo com Lajolo (2000, p.7), o aluno, ao buscar a prática da leitura, enriquece o vocabulário, busca sentidos e refaz significados, é lendo que se aprende, e “ninguém nasce

sabendo ler”, do mesmo modo que não se nasce sabendo falar ou andar, ou seja, a medida que se vive, aprende-se a ler.

Desse modo, “formar leitores, desenvolver competências em leitura e escrita é uma tarefa que a escola tem que priorizar e não pode sequer protelar.” (ANTUNES, 2009, p. 201). Vale a pena perguntar-se: o que a escola está fazendo para formar esses leitores? Será que, no ambiente escolar, os discentes estão sendo realmente estimulados a ler, ou os textos literários continuam sendo utilizados apenas como um suporte para ensinar a norma culta através de pequenos fragmentos?

Para que a escola possa formar um leitor que crítico e participativo na sociedade, o texto não pode e nem deve ser reduzido a um objeto puramente linguístico, o qual o aluno só buscará nele os substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, etc. Segundo Antunes (2009, p. 202), “ainda há escolas onde se procede como se o entendimento do que é dito fosse apenas pelo recurso à gramática”. Convém ressaltar que a gramática não deve ser, em hipótese alguma, excluída das aulas de Língua Portuguesa, pois ela é fundamental para que a leitura e a escrita sejam realizadas com êxito pelos indivíduos. Mas, o texto não deve ser utilizado como pretexto, sendo apresentado apenas alguns trechos durante as aulas, sem incentivo para que os alunos leiam a obra completa.

A leitura possibilita a interação entre uma quantidade abundante de conhecimentos, e permite que sejam feitas novas interpretações de mundo, abrindo caminhos para novas ideias, pois “a leitura é uma espécie de porta de entrada, onde a autêntica e democrática construção humana pode acontecer com maior sucesso.” (ANTUNES, 2009, p. 205). Ou seja, é através da leitura que surgirão novas ideias, que serão desenvolvidas novas habilidades, (como a escrita e a oralidade), o conhecimento dos gêneros discursivos, de novas palavras, novas culturas. Além de desenvolver e aprimorar o pensamento político e democrático.

Dessa forma, os PCNs propõem que

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. (BRASIL, 1998, p. 69).

O ato de ler proporciona ao indivíduo um melhor entendimento das relações de mundo, contribuindo, também, para o desenvolvimento de novas habilidades, criatividade, criticidade e imaginação, pois os fatos retratados nos textos literários condizem com

acontecimentos da realidade atual da sociedade, permitindo que o aluno, através da ficção, torne-se capaz de entender as situações e posicionar-se com firmeza e clareza. De acordo com Antunes (2009, p. 200). “Ler textos literários possibilita-nos o contato com a arte da palavra, com o prazer estético da criação artística, com a beleza da ficção, da fantasia, do sonho, expressos por um jeito de falar tão singular, tão carregado de originalidade e beleza.”

É possível comparar a ficção dos textos literários com o nascer do sol, que traz consigo a cada amanhecer uma beleza encantadora, única e irresistível, permitindo que o indivíduo ao contemplá-lo tenha o contato direto com a arte, e o encanto que a natureza expõe renove as suas forças para mais um dia. O ato de ler textos literários, permite que o leitor contemple o belo presente naquela obra através da fantasia e aplique em sua realidade os conhecimentos adquiridos por meio da leitura.

Antunes (2009), destaca ainda que:

(...) se desde o início, for dada aos alunos a oportunidade da leitura plena (do livro e do mundo) – aquela que desvenda, que revela, que lhes possibilita uma visão crítica do mundo e de si mesmos -, se lhes for dada a oportunidade da leitura plena, repito, uma nova ordem de cidadãos poderá surgir e, dela, uma nova configuração de sociedade.” (ANTUNES, 2009, p. 206).

A leitura permite que seja formado na mente do indivíduo uma visão crítica em relação aos acontecimentos de mundo, e contribuindo para que se o leitor se torne “capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos.” (BRASIL, 1998, p. 70). Em síntese, a leitura é essencial para o processo de ensino e aprendizagem, tornando os sujeitos emancipados, capazes de entenderem os acontecimentos da contemporaneidade, de expressarem as suas opiniões e participarem ativamente do corpo social.

No tópico seguinte será apresentado o ponto central deste trabalho: as histórias em quadrinhos e a importância dela na formação do leitor.

3. AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQ’S): uma busca pela criatividade e criticidade do sujeito enquanto leitor ativo

Na presente, seção pretende-se discorrer a respeito da importância das histórias em quadrinhos (HQ’s) na formação crítica e criativa do leitor ativo. Haja vista que as HQ’s fazem parte do cotidiano dos indivíduos.

Posto isso, esta seção está dividida em: *As histórias em quadrinhos em ação: quais as possibilidades?* e *Propostas: como fazer*, os quais serão abordados a seguir.

3.2 As histórias em quadrinhos em ação: quais as possibilidades?

A história em quadrinhos é um gênero discursivo de “uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes estes que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas.” (CIRNE, 2000, p. 23). As HQ’s surgiram há cerca de 120 anos ao redor do mundo e sua origem está na civilização europeia. De acordo com Vergueiro (2017), no Brasil, sua origem teve início no século XIX através do primeiro desenho humorístico publicado no país de forma anônima.

Segundo Cavalvanti (2005, p. 21), “a primeira manifestação de humor gráfico impressa no Brasil é de autor desconhecido, uma vez que a situação política não permitia assumir publicamente a autoria de um desenho crítico em relação às autoridades e ao sistema dominante”. O anonimato dessa publicação ocorreu porque os artistas criticavam o poder político daquela época através dos meios de comunicação, e por esse motivo não podiam expor suas identidades.

Nos primeiros anos das histórias em quadrinhos, o conteúdo que predominava era essencialmente o humorístico e eram relacionados à vida cotidiana; na época pós-guerra, as histórias passaram a ter também o conteúdo intelectual. Nesse período ocorreu a criação de um código de ética que ficava sob a responsabilidade dos *Syndicates* norte-americanos, sendo utilizado, também, no Brasil. De acordo com Vergueiro (2020, p. 14 e 15), o código de ética dos quadrinhos destaca que as HQ’s deviam “ser um instrumento de educação, formação moral”, deviam “contribuir para a higiene mental e o divertimento dos leitores juvenis e infantis.”, não deviam ofender os leitores, conter palavrões explícitos, cenas de violência e sugestões de imoralidade.

Por muito tempo, as histórias em quadrinhos foram vistas como uma leitura ruim que causava prejuízo no rendimento escolar e na apreensão de ideias das crianças e dos jovens, bem como, afastavam os alunos da “boa leitura”, ou seja, da leitura dentro do cânone. As HQ’s, de acordo com Vergueiro (2020, p. 16), quase foram responsáveis por todos os males presentes no mundo naquela época, e tornaram-se “inimigas do ensino e do aprendizado, corruptoras das inocentes mentes de seus indefesos leitores.”, devido aos posicionamentos das camadas mais nobres da sociedade acerca desta narrativa.

Dessarte, anos depois, com o desenvolvimento das ciências comunicativas, nas últimas décadas do século XX, após muitos acontecimentos e renegação, as HQ's começaram a receber mais atenção das elites e a adentrar nas escolas por meio de materiais didáticos, ainda que “de forma tímida” (VERGUEIRO, 2020, p. 20). Em 1905, surgiu a primeira revista infantil em quadrinhos, *Tico-Tico*, que permaneceu em circulação até 1956, e a partir de 1929, começaram outras edições de revistas infantis em quadrinhos, como *A gazetinha* (1929), *Suplemento infantil* (1934), *A gazeta Juvenil* (1949), *Gibi* (publicada semanalmente), entre outros. Em 1970, as HQ's, ganharam forma de revistas, conhecidas como gibis, como por exemplo, *Turma do Pererê* e *Menino Maluquinho*, de Ziraldo, e *Turma da Mônica* de Maurício de Souza.

Com a evolução dos tempos, segundo Vergueiro (2020), a linguagem das histórias em quadrinhos passou a ser aceita no ambiente escolar, sendo reconhecida pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), pois como destaca o autor, as histórias em quadrinhos são acessíveis e de baixo custo, além de servirem de motivação para os estudantes, permitirem que o conteúdo seja exposto e compreendido com leveza através das imagens e das palavras que, juntas ampliam a compreensão, enriquecem o vocabulário, faz com que o leitor trabalhe o pensamento, a imaginação e a interpretação, incentivam o gosto pela leitura de demais gêneros textuais, bem como, textos literários, e auxiliam na ampliação sobre as variedades linguísticas.

Após a aprovação do Ministério da Educação nos anos 90, diversos autores de livros didáticos começaram a incluir as histórias em quadrinhos em suas produções, e a partir de 2006, de acordo com Vergueiro e Ramos (2021, p. 12), os quadrinhos foram inseridos no Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) com distribuição de gibis para as escolas do Brasil. “Em 2006, pela primeira vez foram selecionadas obras em quadrinhos, embora em número bem abaixo do total de livros comprados naquele ano.”. Além disso, os autores afirmam que com a introdução das HQ's nos PCNs, esse gênero discursivo passou a ser mais utilizado no ambiente escolar.

Os PCN de Língua Portuguesa também mencionam os quadrinhos. No caso do ensino fundamental, existe referência específica à charge e à leitura crítica que esse gênero demanda (2008: 38, 54). O mesmo texto menciona igualmente as tiras como um dos gêneros a serem utilizados em sala de aula (2008: 54). Nesse sentido, uma das propostas dos PCN de Língua Portuguesa é que o conteúdo seja transmitido por meio de gêneros, conceito até então desconhecidos pela maior parte dos docentes. (VERGUEIRO; RAMOS, 2021, p. 10-11)

Há uma diversidade de adaptações de obras literárias em formato de quadrinhos, e também uma grande variedade de quadrinhos infantis. Mas, é importante ressaltar que para se trabalhar com histórias em quadrinhos nas salas de aula, é preciso que o professor, de acordo com Vergueiro (2020), tenha familiaridade com o meio, seus elementos de linguagem, sua estrutura, e os recursos presentes nas HQ's.

É necessário que haja uma “alfabetização”, ou melhor um “letramento” na linguagem dos quadrinhos, “para que o aluno decodifique as múltiplas mensagens neles presentes e, também, para que o professor obtenha melhores resultados em sua utilização.” (VERGUEIRO, 2020, p. 31). É preciso que o professor conheça a linguagem e a estrutura dos quadrinhos para que assim, possa transmitir o conhecimento de forma explícita e compreensível. Já o aluno necessita conhecer sobre a linguagem das HQ's para que haja uma melhor compreensão do texto.

As histórias em quadrinhos é uma narrativa composta por dois tipos de linguagem: a verbal e a não verbal, também conhecida como linguagem mista, haja vista que possuem textos e imagens. Segundo Vergueiro (2020, p. 31), “a grande maioria das mensagens dos quadrinhos, no entanto, é percebida pelos leitores por intermédio da interação entre os dois códigos.”, mas isso não quer dizer que o aluno não conseguirá entender as mensagens transmitidas nas HQ's que contém apenas a linguagem não verbal, pois quando um indivíduo é capaz de interpretar um texto e compreende os elementos da narrativa, ele consegue interpretar as imagens das histórias em quadrinhos através da percepção do enredo, das ações dos personagens, do espaço e do tempo. Além disso, desde muito cedo, as crianças transmitem as suas impressões de mundo através de desenhos e começam a aprender a ler e a escrever através dos exemplos visuais.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que as HQ's, além dos pontos positivos já discutidos, também possuem pontos negativos, e estes vêm à tona quando essa narrativa é utilizada de forma errada no ensino. Sendo assim, surgem os seguintes questionamentos: quais as possibilidades de trabalhar as histórias em quadrinhos? Como utilizá-las nas aulas de Língua Portuguesa e contribuir na aprendizagem e formação do leitor?

Para se pensar em um bom desenvolvimento do ensino e aprendizagem através das histórias em quadrinhos, é preciso que as HQ's se adaptem ao cronograma da disciplina e sejam “utilizadas na sequência normal das atividades”, pois quando aplicadas como um momento de descanso, de relaxamento para os alunos (e também para o professor), pode atingir resultados negativos. (VERGUEIRO, 2020, p. 26). Quando as HQ's são vistas como um descanso pelos discentes, as contribuições que elas podem trazer tornam-se limitadas e

compromete os trabalhos futuros com essa narrativa, além de prejudicar a aprendizagem do alunado.

Além disso, as histórias em quadrinhos não são a solução de todos os problemas e não podem atender todos os objetivos educacionais, esse meio, assim como os outros, estão inseridos na sala de aula para contribuir no ensino e na aprendizagem dos educandos. De acordo com Vergueiro (2020),

Os quadrinhos não podem ser vistos pela escola como uma espécie de panaceia que atende a todo e qualquer objetivo educacional, como se eles possuíssem alguma característica mágica capaz de transformar pedra em ouro. (...) deve-se buscar a interação dos quadrinhos a outras produções das industriais editoriais, (...) tratando todos como formas complementares e não como inimigas ou adversárias na atenção dos estudantes. (VERGUEIRO, 2020, p. 27)

Outro fator importante diz respeito à escolha do material selecionado para utilizar nas aulas, pois “essa seleção deve levar em conta os objetivos educacionais que deseja alcançar.” (VERGUEIRO, 2020, p. 27). Ou seja, deve-se analisar o conteúdo, a linguagem, a mentalidade dos alunos e os seus conhecimentos prévios, e principalmente, a qualidade da HQ, pois de nada valerá preparar uma boa aula voltada para essa narrativa e a história escolhida conter erros gramaticais, um tema que não seja compreensível e que não mantenha a atenção e o interesse dos discentes.

Ramos (2020) destaca que por muito tempo, o ensino de Língua Portuguesa foi voltado para as normas gramaticais, ou seja, um ensino totalmente tradicionalista, visando trabalhar apenas a “língua correta”. No decorrer dos anos, essa forma de ensino deu espaço ao texto e os alunos tiveram acesso à outras formas de produção escritas e orais.

É válido ressaltar que Ramos (2020, p. 65- 85), apresenta possibilidades de ensino das HQ's nas aulas de Língua Portuguesa, com o objetivo de instigar discussões e debates sobre o conteúdo que está sendo trabalhado através desse gênero, como por exemplo, a adequação/inadequação do uso da língua. O professor pode ensinar a linguagem formal e informal de forma dinâmica e leve através da história em quadrinhos, fazendo com que o aluno perceba que “em determinadas situações, é adequado ou inadequado falar ou escrever de maneira mais ou menos formal, mais ou menos próxima da variante culta.” (RAMOS, 2020, p. 67), como vemos na imagem a seguir:



Fonte: <https://www.memoriaepensamento.com/post/a-adequa%C3%A7%C3%A3o-lingu%C3%ADstica-na-fala-de-chico-bento-mo%C3%A7o>

Chico Bento é um personagem de Mauricio de Souza, o qual é apresentado como um caipira e que, tendo em vista as regras gramaticais, o personagem fala “errado”, o que pode gerar o preconceito linguístico, tendo em vista que existe a variação linguística em nosso país. De acordo com Bagno (2009, p. 28) “(...) se é verdade que no Brasil, a língua falada pela grande maioria da população é o português brasileiro (...), esse mesmo português apresenta um *alto grau de diversidade e de variabilidade* (...)”. Ou seja, não há uma maneira “certa” ou “errada” de se falar, mas sim, uma variação linguística e uma linguagem adequada para determinados ambientes e situações sociais e comunicacionais. Quando consideramos que a forma do outro falar é errada, comentemos o preconceito linguístico.

Bagno (2009) destaca que,

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe (...) uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, pela ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO, 2009, p. 56).

Assim, o professor pode lançar questionamentos a respeito da forma de Chico Bento falou no contexto situacional em que ele está no momento, pedir aos alunos para observarem

os desenhos, analisarem os diálogos e o espaço da história, e após isso, explicar que em determinados contextos, a linguagem informal pode ser utilizada, como por exemplo, em uma conversa entre família, amigos, *WhatsApp*, bate-papo, e não é considerada “errada”, mas que se adapta ao contexto situacional.

Ademais, essa atividade possibilita ao professor expor a respeito da variação linguística e proporciona aos alunos a aquisição de conhecimento sobre essa variação e sobre o preconceito linguístico. Além do mais, Ramos (2020, p. 67), incentiva ao professor a propor aos alunos à escrita de textos sobre o conteúdo exposto durante as aulas, podendo utilizar atividades de criação da fala de personagens em HQ’s.

Portanto, as histórias em quadrinhos permitem que sejam trabalhadas a oralidade e a escrita, a coesão e a coerência, a gramática, a variação linguística, os elementos da narrativa e, além disso, instiga a criticidade, a imaginação e a criatividade do aluno, e o gosto pela leitura através dos recursos linguísticos e literários presentes nas HQ’s. Assim, para que as histórias em quadrinhos contribuam positivamente nas aulas, principalmente de Língua Portuguesa, é necessário que o professor conheça esse gênero, planeje as atividades e estabeleça estratégias mais didáticas para cada faixa etária de ensino.

Nesse sentido, no próximo subtópico serão expostas propostas de atividades de histórias em quadrinhos com o livro *Luiz Gonzaga em quadrinhos* para serem aplicadas nas turmas do Ensino Fundamental II.

3.3 Propostas: como fazer?

A escola tem a função de formar indivíduos que sejam capazes de se posicionarem e contribuírem para a melhoria da sociedade, e essas competências só serão alcançadas através da leitura. Desse modo, é preciso que sejam postas em prática metodologias dinâmicas que incentivem os alunos a tomarem gosto pela leitura e assim, possam se tornar seres pensantes e críticos.

As histórias em quadrinhos é um recurso didático que oferece uma variedade de metodologias e que engloba temas transversais, os quais são necessários para a formação do leitor, com uma linguagem de fácil compreensão e com imagens que fixam a atenção dos discentes, permitindo que o ensino completamente tradicional e monótono, dê lugar à uma aprendizagem dinâmica e leve.

Dessa forma, serão apresentadas duas propostas de atividade para serem trabalhadas de forma dinâmica nas turmas do Ensino Fundamental II através da HQ *Luiz Gonzaga em*

quadrinhos que foi publicado em 1 de janeiro de 2016 com o roteiro de Sílvio Osias e com ilustrações de Megaron Xavier. O livro retrata a biografia do cantor e compositor nordestino Luiz Gonzaga do Nascimento, que trazia consigo, desde criança, um apreço pela música. O pernambucano é uma figura muito importante para a música popular brasileira e para a cultura nordestina. Desse modo, a história de vida de Luiz Gonzaga merece ser conhecida pela juventude brasileira, para que a cultura e a música nordestina sejam mais valorizadas.

- PROPOSTAS DE ATIVIDADES-

Para o início, seja qual for a atividade, o professor deve fazer o convite para a leitura do livro *Luiz Gonzaga em quadrinhos*, apresenta a obra, faz um breve resumo da biografia do autor e do ilustrador, o qual está presente na última página da obra.

AUTOR



SÍLVIO OSIAS, PARAIBANO DE JOÃO PESSOA, NASCEU EM 1959. JORNALISTA, COMEÇOU A ATUAR NA IMPRENSA AOS 15 ANOS, FAZENDO CRÍTICA DE CINEMA. DEPOIS, VEIO A CRÍTICA DE MÚSICA. GRADUADO EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, TEVE SUA

INICIAÇÃO PROFISSIONAL NA MÍDIA IMPRESSA, EXERCENDO DIVERSAS FUNÇÕES NO JORNAL A UNIÃO. EM MEADOS DOS ANOS 1980, MIGROU PARA A TELEVISÃO, CHEFIANDO POR DUAS DÉCADAS A REDAÇÃO DA TV CABO BRANCO, AFILIADA DA REDE GLOBO EM JOÃO PESSOA. É AUTOR DO LIVRO *MEIO BOSSA NOVA, MEIO ROCK'N' ROLL*, QUE REÚNE SUAS CRÔNICAS MUSICAIS, E PUBLICOU, COMO ORGANIZADOR, *CINEMA POR ESCRITO*, COM CRÍTICAS DE ANTÔNIO BARRETO NETO. ATUALMENTE, MANTÉM UM BLOG ESPECIALIZADO EM CULTURA, NA VERSÃO ONLINE DO JORNAL DA PARAÍBA.

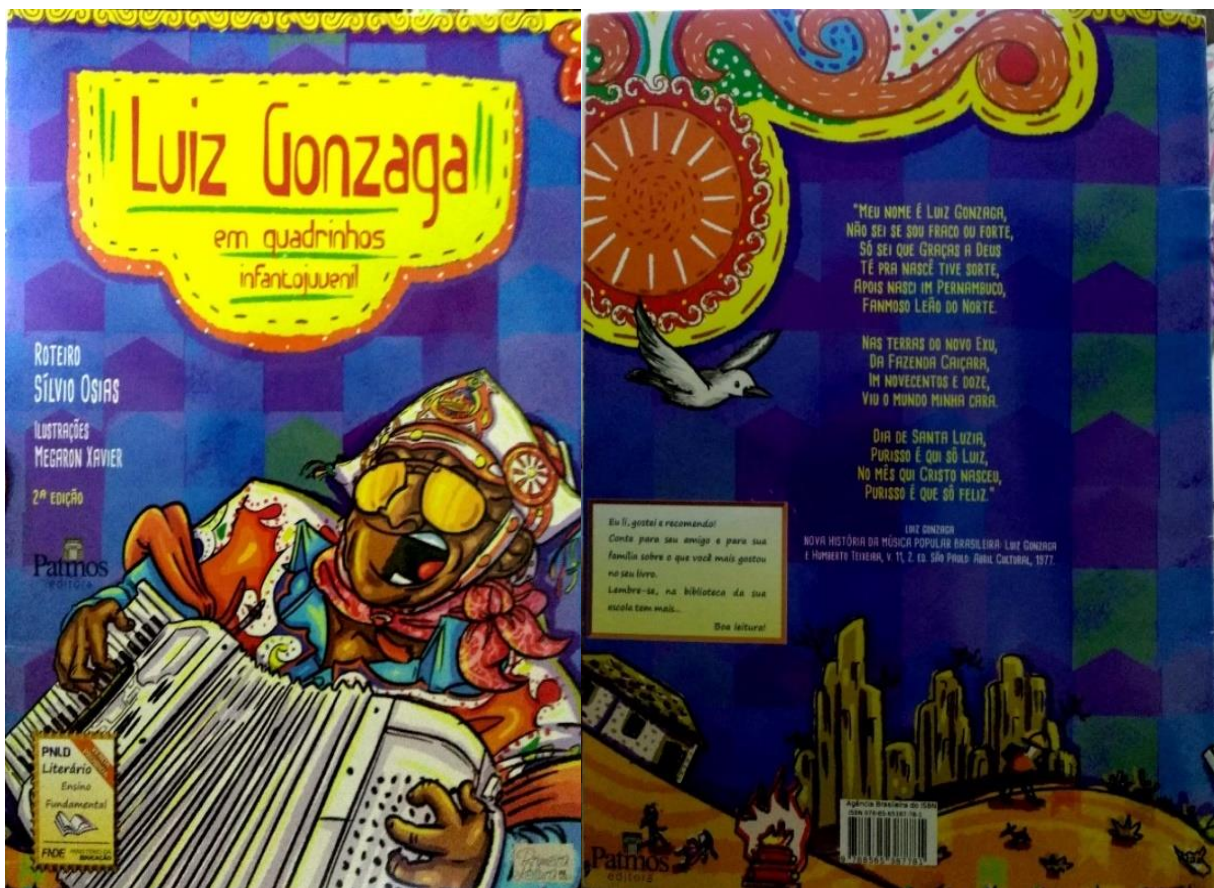
ILUSTRADOR



MEGARON XAVIER, NASCIDO EM JOÃO PESSOA, TEM 27 ANOS E É GRADUADO EM RÁDIO E TV PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. SUA PAIXÃO É O DESENHO. SEMPRE RABISCOU OS CADERNOS ESCOLARES CRIANDO HISTÓRIAS A PARTIR DE

SUA IMAGINAÇÃO, COMO AUTODIDATA. HOJE TRABALHA NA ÁREA DE ILUSTRAÇÃO EDITORIAL E QUADRINHOS PARA O PÚBLICO INFANTIL. ILUSTROU PARA A PATMOS JOSÉ LINS DO REGO EM *QUADRINHOS (2015)*, ARIANO SUASSUNA EM *QUADRINHOS (2015)* E JACKSON DO PANDEIRO EM *QUADRINHOS (2016)*. NO SETOR DE AUDIOVISUAL, TRABALHOU EM PROJETOS SOCIAIS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL, COMO O "PARAÍBA CINE SENHOR", NA PRODUÇÃO DE VINHETAS, VÍDEOS-DOCUMENTÁRIOS E COMO CINEGRAFISTA.

Em seguida, pede-se aos alunos para observarem a capa inicial e final do livro, e pergunta a eles o que chama a atenção deles, as cores, as ilustrações, trecho da música? Sobre o que fala essa parte da música, por qual motivo ela foi escolhida para ser colocada na capa do livro? Qual foi a intenção do autor ao fazer isso?



Depois faz-se uma leitura coletiva da HQ. Após isso, convém ao professor, em uma roda de conversa, fazer questionamentos aos alunos: “O que vocês observaram na história lida?”, “Qual a linguagem utilizada, formal ou informal?”, “Como são os desenhos?”, “A história é fácil de ser compreendida?”, instigando os alunos a pensarem e a expor as suas opiniões a respeito do que foi lido, fazendo fluir um debate.

❖ Primeira proposta: Luiz Gonzaga e a música popular brasileira.

Objetivos: Fazer com que o aluno obtenha conhecimento histórico e compreenda a importância de Luiz Gonzaga na cultura nordestina e na música popular brasileira.

Luiz Gonzaga (1912-1989), nasceu em Exu, sertão de Pernambuco, tornou-se músico e compositor de grande importância para a cultura nordestina. Ele foi responsável pela valorização dos ritmos nordestinos para todo o Brasil, como o baião, xote, xaxado, tornando-se parte da música popular brasileira.

Sendo assim, é de grande importância enfatizar a música popular brasileira em sala de aula retratando questões que são características da cultura de cada sujeito inserido na sala de

aula. Sabemos que a música popular surge no período da Ditadura Militar, na década de 60, e tornou-se um meio de denúncia e questionamentos sobre a situação do país, e também abordava outros temas, como relações amorosas e o regionalismo. Desse modo, a HQ em questão apresenta trechos de algumas músicas de Luiz Gonzaga, fazendo com que o indivíduo que ler a obra, e não conheça as músicas, sinta o desejo de escutá-las e entender os contextos abordados pelo músico.



As músicas de Luiz Gonzaga ficaram sendo conhecidas por todo o país, e todo aquele que mora na região Nordeste ou não, há de ter escutado pelo menos alguma música cantada por ele. Assim, o professor pode levar questionamentos a respeito disso: quais dessas músicas vocês já escutaram? Qual delas mais chama a atenção de vocês?”, em seguida, pode-se reproduzir algumas das músicas que aparecem no livro. Após isso, o professor explica sobre a música popular brasileira, os ritmos presentes nela, qual foi a importância de Luiz Gonzaga nesse meio, quando levou a cultura e os ritmos nordestinos a conhecimento de mundo e tornando-se o rei do baião.



Posteriormente, o docente expõe a proposta de pesquisa, pedindo para que os alunos escolham uma música do cantor, pesquise sobre e exponha as informações na aula seguinte, por meio de uma roda de conversa. Depois, o educador propõe aos alunos a atividade de produção; as músicas escolhidas na aula anterior serão retratadas em formato de histórias em quadrinhos e expostas para a turma, ou até mesmo em um mural da escola para as demais turmas.

Assim, essas atividades irão desenvolver o gosto pela leitura, habilidades de escrita e oralidade, ampliar o conhecimento a respeito dos acontecimentos passados no Brasil, sobre a música, a literatura, e sobre a vida do rei do Baião. Além disso, permite que os alunos sejam capazes de se posicionarem com criticidade em determinados assuntos, utilizarem a criatividade, bem como a escrita e a oralidade.

É válido ressaltar que este é um tema bastante amplo e que há inúmeras possibilidades de ser trabalhado com essa história. O que está sendo oferecido neste trabalho é apenas uma amostra de diversas abordagens que podem ser trabalhadas nas aulas de Língua Portuguesa.

❖ Segunda proposta: A religiosidade na cultura nordestina.

Objetivo: Fazer com que o aluno conheça um dos elementos da cultura nordestina.

A região nordeste possui uma diversidade de manifestações culturais, e uma delas é a religiosidade. O povo nordestino traz consigo uma crença insubstituível e uma fé inabalável. A religião que predomina no Nordeste é a Católica, mas há também um espaço importante para as demais religiões, como a Evangélica, o Candomblé, a Umbanda, entre outras, tendo em vista que as manifestações religiosas, na região, sofreram grandes influências dos índios, africanos e europeus. Assim, tornando-se a região nordeste a que tem a maior diversidade religiosa no país.

Desse modo, a HQ em questão traz traços da religiosidade nordestina, como o costume das pessoas se reunirem para rezar a noite em suas casas, a presença de Deus nas músicas de Luiz Gonzaga, e fazendo com que o leitor se lembre dos costumes nordestinos, como por exemplo, o “bênça, pai”, “bênça, mãe”, a madrinha ou o padrinho de fogueira nas noites de São João e São Pedro, etc.



Na literatura brasileira é comum encontrar traços da religiosidade, principalmente quando se trata de alguma obra que retrate o Nordeste. Assim, o professor pode iniciar com perguntas a respeito dessa parte da HQ relacionando-a com os costumes religiosos presentes na vida dos alunos. Em seguida, propor aos alunos que façam, em grupos, uma pesquisa sobre as religiões do Nordeste, depois escrevam um texto coerente, com a ajuda do docente, sobre a religião escolhida para cada grupo, expondo no texto os principais pontos. Logo após, pode-se ser elaborada amostra cultural a respeito do assunto trabalhado, como também, a exposição dos textos dos alunos. Dessa forma, será trabalhado tanto a escrita quanto a oralidade, além de desenvolver o conhecimento sobre a cultura nordestina, o conhecimento literário, o respeito ao próximo, e a criticidade e a criatividade dos alunos.

Por fim, pode-se dizer que a utilização das histórias em quadrinhos na sala de aula, como materiais pedagógicos, permite com que o ensino de Língua Portuguesa flua de maneira mais leve e desperte no aluno o interesse pela leitura, e conseqüentemente, pela escrita. Além disso, possibilita aos professores de Língua Portuguesa diversas metodologias de ensino para serem aplicadas nas aulas da disciplina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das histórias em quadrinhos terem sido alvo de muita repreensão por serem vistas pela aristocracia como uma leitura inadequada que afastava as crianças e os jovens da leitura dentro do cânone, e comprometiam o desenvolvimento intelectual, hoje, ela é avaliada de outra forma, pois através de diversas pesquisas, foi-se comprovado que a sua estrutura, linguagem e o fácil acesso unidos às metodologias bem elaboradas podem contribuir positivamente na aprendizagem

Dado o exposto, percebeu-se durante os estudos e produção deste trabalho que o gênero discursivo história em quadrinhos, permite que sejam desenvolvidas as habilidades de leitura, escrita, criatividade e criticidade, e contribui para a formação de um leitor pensante e participativo na sociedade contemporânea, que seja capaz de entender o que acontece ao seu redor e de se posicionar com coerência.

A partir deste trabalho, pode-se compreender o quanto as histórias em quadrinhos são relevantes para estimular e desenvolver nos indivíduos o gosto pela leitura, e o quão importante esse gênero discursivo é para a formação do letramento nos sujeitos.

O objetivo inicial foi alcançado e espera-se que este trabalho venha contribuir no ensino de Língua Portuguesa, e com os professores que buscam formas de sair da monotonia do ensino tradicionalista, utilizando as histórias em quadrinhos como meio para abrir portas e ampliar o conhecimento dos alunos, além de instigar aos leitores a desenvolver e divulgar as histórias em quadrinhos como fonte de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que, como se faz. 51. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. [1979] Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: **Língua Portuguesa**. Brasília: MECSEF, 1998.
- CAVALCANTI, Lailson de Holanda. **História del humor gráfico en el Brasil**. Lleida: Editorial Milenio, 2005.
- CIRNE, Moacy. **Quadrinhos, sedução e paixão**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COSSON, R. A literatura em todo lugar. In: **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014a.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=7MhnAwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT4&dq=letramento+liter%C3%A1rio&ots=AQM6PMtlKz&sig=DQ9VKCuibnMkr2TuN_WMEj7B1NM#v=onepage&q&f=false Acesso em: 01 jul. 2022.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. 15. ed. São Paulo, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2014/10/importancia_ato_ler.pdf. Acesso em: 03 jul. 2022.
- KLEIMAN, ANGELA B. (orgs.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social a escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1982.
- LEÃO, Cleonice de Moraes Evangelista & SOUZA, Dalma Flávia Barros Guimarães de. Letramento literário em círculos de leitura na escola. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 21, jul.-dez. 2015. p.427-441. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num21/estudos/Palimpsesto21estudos06.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2022. ISSN: 1809-3507.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO Ângela de Paiva; MACHADO, Rachael Ana; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucena, 2010, p.19-38.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, Maria Helena (org.). **Questões de linguagem**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MEINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. IN: DIONÍSIO Ângela de Paiva; MACHADO, Rachael Ana; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**, 4. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

NAKAMURA, Lucinete Ornagui de Oliveira; VOLTOLINI, Ana Graciela Mendes F. da Fonseca; BERTOLOTO, José Serafim. **O uso de histórias em quadrinhos no ensino**: teoria, prática e BNCC. Revista Educação Pública, v. 20, nº 29, 4 de agosto de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/29/o-uso-de-historias-em-quadrinhos-no-ensino-teoria-pratica-e-bncc>. Acesso em: 07 mar. 2022.

ORLANDI, Eni Pulcielli. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

OSIAS, Sílvio. **Luiz Gonzaga em quadrinhos**. 2. ed. João Pessoa: Patmos Editora, 2018.

PATATI, C.; BRAGA, F. **Almanaque dos quadrinhos**: 100 anos de uma mídia popular. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Org). **Escola e leitura**: velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

PAULINO, Graça. **Letramento literário: cânones estéticos e cânones escolares**. Caxambu: ANPED, 1998 (Anais em CD ROM).

PINTO, Abuêndia. Gêneros Discursivo e Ensino de Língua Inglesa, .IN:DIONÍSIO A.P; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, p.47-57.2005.

RAMOS, Paulo. Os quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**.4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Contexto, 2020. Cap., p. 65-86.

ROJO, R. H. R. **Linguagens Códigos e suas tecnologias**. In: MEC/SEB/Departamento de políticas do Ensino Médio, Orientações Curriculares do Ensino Médio. Brasília: 2004.

SANTOS, A. R. M. **Agora é hora de comunicar**. Dissertação de Mestrado em Ensino de 1º e 2º ciclo de Ensino Básico, 2015.

SANTOS, R. E. **As teorias da comunicação: da fala à internet**. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2013. p.11-36

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (Org.). **Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF**. São Paulo: Global, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). **Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Contexto, 2020. p. 31-64.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2017.

ZAPPONE, M.H.Y. Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas. **Teoria e Prática da Educação**. v. 03, 2007. p. 47-62.